

SOUSA DA SILVEIRA E MATOSO CÂMARA JR.
FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA EM PERFEITA SINTONIA

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF / LLP-ILP

1. No centenário de nascimento de Matoso Câmara.

Como era natural que acontecesse, mobilizaram-se no ano de 2004 vários dos mais devotados amigos e admiradores do Professor Joaquim Matoso Câmara Jr., o maior dos nossos estudiosos da teoria da linguagem, para a comemoração do centenário do seu nascimento na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de abril de 1904. Daí resultaram, entre outras, as celebrações a ele dedicadas pela Academia Brasileira de Filologia, entidade a que pertenceu, no Congresso Internacional da Língua Portuguesa, de 19 a 23 de julho, e o volume 20 de *D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, onde se reuniram importantes depoimentos e estudos sobre a vida e obra do homenageado (São Paulo, EDUC, 2004, 166 p.).

A verdade é que, já decorridos mais de 34 anos da sua morte, nesta mesma cidade, a 2 de fevereiro de 1970, e apesar dos grandes avanços doutrinários e metodológicos da Lingüística Geral e da Lingüística Portuguesa, as suas obras principais continuam a despertar as atenções dos leitores, que nelas podem continuar a colher ensinamentos da maior atualidade.

A Diretoria do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, integrada por bom número de ex-alunos e discípulos e também amigos e admiradores de Matoso Câmara, que tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, na sua profícua atuação de professor de Lingüística Geral da Faculdade Nacional de Filosofia e da Universidade Católica de Petrópolis, não poderia deixar passar a grande data sem as comemorações que merece.

Em primeiro lugar, tendo em vista o propósito da alta direção do Liceu de realizar o I Colóquio Internacional “A Língua Portuguesa no Mundo da Lusofonia”, ficou decidido que a sessão de encerramento seria de homenagem ao autor dos *Princípios de Lingüística Geral (Como Introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa)*, do *Dicionário de Filologia e Gramática Referente à Língua Portuguesa* e de tantas outras obras ainda hoje de fundamental importância para o progresso dos estudos filológicos, lingüísticos e

literários. O Colóquio, marcado para o mês de novembro, teve por circunstâncias várias de ser adiado para o final de março de 2005, mas conservando entre as suas finalidades a de homenagear Matoso Câmara e assim reavivar a sua memória de insigne servidor da cultura brasileira.

Resolveu ainda a Diretoria do ILP dedicar a Matoso Câmara todo o presente número da revista *Confluência*, levando em conta que é preciso ensinar sempre, aos alunos dos cursos superiores de Letras e aos que têm particular interesse em aprofundar os estudos já feitos, o conhecimento das grandes contribuições do passado aos avanços das ciências da linguagem.

Parece-me oportuno e necessário, num momento em que se desenvolve a preocupação com os estudos historiográficos relativos a essas contribuições no Brasil, e em que tantos trabalhos se publicam, aqui e ali, para pôr em realce o pioneirismo como marca da atuação dos grandes Mestres, trazer à baila uma série de dados e de inter-relações que ajudarão a proporcionar com mais clareza e exatidão a visão do contexto em que surgiu e teve destacada presença a figura de Matoso Câmara. Só assim se corrigirão informações e avaliações erradas ou incompletas, ou omissões, como as que se observam em alguns trabalhos recentes, feitos sem o mais cuidadoso e completo levantamento das fontes de informações, sem o aprofundamento das noções históricas e cronológicas que devem nortear tais investigações, ou até mesmo com a falha de omitir dados e nomes com intenções inexplicáveis.

No que diz respeito a Matoso Câmara, por exemplo, é necessário dizer, no retrospecto da sua vida, que para alcançar sem demora, com menos de 40 anos de idade, o altíssimo prestígio que o aureolou, ele sem dúvida alguma contou entre os anos de 1937 e 1938 com a oportunidade da rara experiência proporcionada pela condição de aluno-ouvinte e logo em seguida de professor da pioneira Universidade do Distrito Federal (UDF) e do primeiro curso superior de Letras na cidade do Rio de Janeiro, onde encontrou um grupo de colegas de magistério que o receberam de braços abertos. Não se pode deixar de realçar o firme e decisivo apoio que lhe deu o catedrático de Língua Portuguesa da UDF, o filólogo Sousa da Silveira, como procurarei comprovar com as citações inquestionáveis que faço no correr deste artigo. De Sousa da Silveira, o grande renovador dos estudos de Lingüística Portuguesa e de Crítica Textual no Brasil, recebeu Matoso Câmara o convite para ocupar a cátedra de Lingüística Geral na UDF. No ano seguinte, por interferência de Sousa da Silveira, abriram-se as páginas da prestigiosa *Revista de Cultura*, dirigida pelo Padre Tomás Fontes, para a publicação em fascículos, de 1939 a 1940, das *Lições de Lingüística Geral* proferidas por Matoso Câmara nas aulas da UDF. Quando em 1941 a livraria Briguiet lançou a primeira edição em livro dessas lições, com acréscimos e correções, o volume estampava consagrador prefácio de Sousa

da Silveira, que revelava acima de tudo a noção exata da relevância do conhecimento dos fundamentos da Teoria da Linguagem na formação do profissional de Letras.

Portanto, só a ignorância de tais fatos e outros, de que tratarei mais adiante, pode explicar em estudos historiográficos recentes a omissão do reconhecimento de que a obra de lingüista de Matoso Câmara teve por parte dos nossos melhores filólogos e especialistas em Lingüística Portuguesa o melhor acolhimento, sem restrições descabidas. Entre os professores e ensaístas que desde logo em Matoso Câmara perceberam a singularidade da sua atuação estavam Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Ismael de Lima Coutinho, Gládstone Chaves de Melo, Sílvio Elia, Rocha Lima, e tantos mais.

Gládstone Chaves de Melo, que em artigos nos jornais da época se tornara conhecido pelo tom e agudeza das suas críticas aos trabalhos publicados, na primeira edição do livro a que deu o nome de *Iniciação à Filologia Portuguesa*, datada de 1951, e lançada como volume de uma coleção da Organização Simões sob a direção de Sousa da Silveira, reconheceu logo no capítulo II, sob o título “Filologia e Lingüística”, as nítidas distinções entre os dois campos de estudos e a relevância de cada um deles, para dizer em seguida, ao relacionar uma bibliografia mínima destinada aos estudiosos da língua portuguesa: “é indispensável ter conhecimentos básicos de Lingüística, que o interessado poderá haurir inicialmente nos *Princípios de Lingüística Geral*, do nosso Matoso Câmara Júnior (Briguiet, Rio, 1941)”. Na 4ª. edição da *Iniciação*, de 1971, com o título modificado para *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, Gládstone confirma a indicação dos *Princípios* “do nosso atualizadíssimo e seguro J. Matoso Câmara Júnior” (em quarta e definitiva edição, datada de 1964) ¹. Note-se nestas duas citações o emprego afetivo do possessivo *nosso*, por parte de uma pessoa tão sóbria em manifestações de afetividade como era Gládstone Chaves de Melo, e veja-se o alcance desse emprego da palavra,

As harmoniosas relações que uniram Matoso Câmara e Sousa da Silveira e as suas decorrências não foram convenientemente focalizadas nos ensaios historiográficos de que tenho notícia. Na verdade, tinham ambos a noção exata de que as ciências da linguagem em sua variedade se interligam necessariamente para a mais ampla compreensão do mecanismo da comunicação que se opera entre os seres humanos.

¹ Cf. p. 64. A matéria desse capítulo “Filologia e Lingüística” é repetição do que se lê no artigo do mesmo autor estampado anos antes no jornal *Correio da Noite* de 27/3/1947. Na 4ª. edição da *Iniciação* se confirma a referência a Matoso Câmara como “a nossa maior autoridade em Lingüística” (p. 76).

Na convicção de que essas duas grandes figuras merecem igual atenção dos que se propõem a escrever com exatidão a história dos estudos e pesquisas filológicos, lingüísticos e literários no Brasil, procurarei apresentar aos interessados uma série de dados e reflexões que possam propiciar uma avaliação do que já se publicou a esse respeito e do que ainda é preciso fazer com urgência.

Matoso Câmara começou a alcançar justa projeção nos anos da segunda metade da década de 20, com a experiência do exercício do magistério secundário por vários anos, que lhe permitira aprofundar os seus conhecimentos de língua portuguesa e de língua inglesa. Em sua atuação sempre se notou ser ele acima de tudo – o professor – que com a maior seriedade, a revelação do apreço aos alunos, o interesse em acompanhar os seus progressos, o permanente empenho de se atualizar, sabia transmitir não apenas conhecimentos apurados e renovados, mas também neles despertava com os recursos didáticos utilizados o gosto dos estudos, o prazer de saber sempre mais.

Esse professor modelar encontrou no exercício do ensino da língua portuguesa em nível secundário, em estabelecimentos da rede pública e particular, a primeira oportunidade de contato com os alunos, aos quais conseguia ministrar aulas numa linguagem ao mesmo tempo clara e fluente e recheada de proveitosos ensinamentos, envolvente, e acessível à compreensão de todos. Era de fato um excelente didata, como tão bem o caracterizou Carlos Eduardo Falcão Uchôa, dos seus discípulos o que mais teve ensejo de atuando a seu lado observar as características do professor em sala de aula.

Nos distantes anos do final da década de 30, portador dos diplomas dos cursos superiores de Arquitetura e de Direito, percebeu com nitidez a sua vocação especial para os estudos de lingüística teórica e aplicada, e cuidou logo de aparelhar-se bibliograficamente para uma caminhada mais longa. Passados anos, essa caminhada o levou aos Estados Unidos entre os anos de 1943 e 1944, dando-lhe ensejo de entrar em contato com algumas das maiores figuras nos campos da etnografia e das ciências da linguagem, de cujas obras viria a ser o grande divulgador no Brasil.

2. Os tempos da Universidade do Distrito Federal (UDF)

Em 1935, já com os seus estudos e pesquisas de Lingüística Geral bem adiantados, desejoso de estabelecer maior contato com as grandes figuras no mundo das Letras, Matoso Câmara certamente terá acompanhado com interesse as notícias da criação das primeiras verdadeiras Universidades brasileiras – a de São Paulo, em 1934 (USP), e a do Rio de Janeiro então capital da República, e por isso Universidade do Distrito Federal, em 1935 (UDF).

É sabido que o ensino superior de Letras no Brasil só se iniciou tardiamente, no início da década de 30 do século passado, como decorrência no

plano cultural e educacional das idéias de renovação inspiradoras do movimento político que derrubou a República Velha.

Uma das reivindicações mais fortes dos que sonhavam com a renovação da vida política e cultural brasileira era a criação no governo federal de um Ministério para cuidar dos problemas da educação, como tivera ocasião de afirmar o médico e educador Miguel Couto, em discurso proferido com muita ênfase no ano de 1928.

Logo depois de empossado na Presidência da República, o político gaúcho Getúlio Vargas, líder civil da revolução de 1930, criou por decreto o Ministério da Educação e Saúde, cuja direção foi confiada ao político mineiro e jurista Francisco Campos. A esse homem público se devem entre outras iniciativas a da feitura de uma lei orgânica para reger o sistema universitário no país, que funcionava muito precariamente. Era uma lei que obrigava o ensino universitário a cuidar não apenas da formação profissional, mas também da formação de pesquisadores em todas as áreas do conhecimento, tendo em vista o progresso cultural, científico e tecnológico de que o país necessitava.

No Rio de Janeiro havia uma Universidade que era simples agregação de cinco faculdades apenas, voltadas para o ensino profissional. Porém, antes que o governo federal pudesse cuidar da sua transformação no que viria a denominar-se Universidade do Brasil, duas experiências pioneiras no âmbito estadual e no âmbito municipal vieram mostrar o que deveriam ser as novas Universidades brasileiras.

Em São Paulo, por iniciativa do Interventor do Estado, o político Armando de Sales Oliveira², assessorado por alguns dos pioneiros da educação nova, entre os quais se destacava o Professor Fernando de Azevedo, foi criada através do Decreto n.º 6.283, de 25 de janeiro de 1934 a primeira das nossas Universidades cuja organização correspondia às exigências da nova lei federal. Para constituir o corpo docente da Universidade de São Paulo (USP) foram convocadas grandes figuras do magistério nacional, e contratada no estrangeiro uma plêiade de pesquisadores e professores europeus (portugueses, franceses, italianos, alemães e de outras nacionalidades) para darem ao ensino e à pesquisa das mais diversas ciências o caráter de renovação de todos desejado.

No ano seguinte, 1935, o Prefeito do Distrito Federal (ou seja, do Rio de Janeiro como capital da República), Pedro Ernesto, um dos principais líderes da Revolução de 30, sob a inspiração do pensamento do seu Secretário da

² Armando de Sales Oliveira exerceu o cargo de Interventor federal e em seguida governador constitucional do Estado de São Paulo entre os meses de agosto de 1933 e dezembro de 1936.

Educação, o Professor Anísio Teixeira, instituiu pelo decreto municipal nº 5.513, datado de 4 de abril, a chamada Universidade do Distrito Federal (UDF).

Constituíam a UDF cinco unidades de ensino e pesquisa: o Instituto de Educação, a Escola de Ciências, a Escola de Economia e Direito, a Escola de Filosofia e Letras e o Instituto de Artes. Para compor o corpo docente dessas unidades universitárias, foram convidados professores de renome, vários dos quais já pertenciam aos quadros do magistério municipal ou federal, e também professores estrangeiros. Por felizes circunstâncias, num primeiro momento entre os professores da Escola de Filosofia e Letras estavam como catedráticos conhecidas figuras, como Sousa da Silveira (Língua Portuguesa), José Oiticica (Linguística Geral), Cecília Meireles (Teoria Literária), Alceu Amoroso Lima (Literatura Brasileira), Ernesto Faria (Língua e Literatura Latina), Padre Augusto Magne (Filologia Românica). A esses nomes se acrescentariam nos anos seguintes os dos professores estrangeiros contratados Georges Millardet, Jacques Perret e Jean Bourciez, integrantes da chamada “missão francesa”.

Os cursos regulares de Letras da UDF, de cujo corpo discente fizeram parte Othon Moacir Garcia, Antônio de Pádua, Antônio Houaiss, Celso Cunha, Maria Inês e Maria Amélia de Pontes Vieira e outras expressivas figuras do magistério, também tiveram como ouvintes vários professores de educandários da rede oficial de ensino secundário municipal ou federal (entre os quais o Colégio Pedro II), igualmente interessados em aprimorar os seus conhecimentos filológicos e literários. Três deles foram Sílvio Elia, Serafim da Silva Neto e Matoso Câmara. Mas até mesmo alguns docentes da própria UDF, atraídos pelo nível das aulas, assistiram a algumas delas, como as de princípios de Crítica Textual aplicados à exegese de textos de Gil Vicente, preparadas por Sousa da Silveira, que contaram com a presença de Manuel Bandeira e Mário de Andrade, duas das mais eminentes figuras que o Ministro Gustavo Capanema convocara para a realização do seu plano de renovação cultural e educacional do país³.

Depoimentos de professores e alunos do curso de Letras da UDF apontam o nome de Sousa da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa, como o que firmou maior prestígio, respeitadíssimo pela correção de atitudes e alto senso profissional demonstrados, mas sobretudo pelas lições magistrais que proferiu, no campo da Linguística Portuguesa ou aplicando princípios de Crítica Textual à preparação e à exegese de textos de autores brasileiros e portugueses, o que era uma atraente novidade na ocasião. Atentos observadores do que se passava, dois ilustres professores da UDF, o romancista Otávio de Faria

³ Segundo o testemunho dos alunos da então UDF, Othon Moacir Garcia e Mário Camarinha da Silva.

e o crítico literário Alceu Amoroso Lima, que seriam mais tarde membros da Academia Brasileira de Letras, haveriam de reconhecer esse lugar de primazia de Sousa da Silveira entre os seus pares, em expressivos depoimentos. Otávio Faria, que fora Diretor da Escola de Filosofia e Letras da UDF, em artigo publicado poucos dias depois da morte do filólogo, a ele se referiu como “um grande nome, talvez o mais brilhante naquela novel e efêmera instituição”⁴. Alceu, que também exerceu o cargo de Reitor da UDF, lembrando o que foram as suas aulas, assinalou:

estas é que o revelaram ao grande público. Tornaram-se famosas. Reuniam não apenas discípulos, mas escritores e homens de cultura, que encontravam nelas novos horizontes, não de todo alheios ao movimento de brasileiroismo lingüístico que o Modernismo trouxera, principalmente pela pena e pelo entusiasmo revolucionário de Mário de Andrade.⁵

Na UDF, teve ainda o autor consagrado de primorosos livros, como as *Lições de Português*, e de bom número de artigos em revistas especializadas, o encargo de desempenhar outras funções, em situação de emergência, como as de Professor-Assistente de Filologia Românica (em 1936), de Professor responsável pela cadeira de Lingüística (logo em seguida ao afastamento de José Oiticica) e de Professor Chefe da 2ª Seção Didática – Letras Clássicas e Vernáculas.⁶

3. Sousa da Silveira e Matoso Câmara: o encontro na UDF

A UDF proporcionou a Matoso Câmara a primeira grande oportunidade de se relacionar mais proximamente com os profissionais de maior categoria da área de Letras.

No ano de 1937, tendo sido contratado o professor Georges Millardet, catedrático da Sorbonne, para ministrar na UDF um curso de Filologia Românica, dispôs-se Sousa da Silveira, com a humildade e o desejo de aprender que o caracterizavam, a ouvir as excelentes preleções do grande linguísta francês. Foi então que encontrou entre os freqüentadores do curso duas extraordinárias figuras, com quem logo estabeleceria estreitas relações: Serafim da Silva Neto e Joaquim Matoso Câmara Júnior.

⁴ Otávio de Faria, “Memórias de Sousa da Silveira”, in *Jornal do Brasil*, 29 / 10 / 1967.

⁵ Alceu Amoroso Lima, “Sousa da Silveira – O Professor Sousa”, in *Companheiros de Viagem*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1971, p. 258-259.

⁶ Cf. “Dr. Sousa da Silveira – Homenagem da *Revista de Cultura* ao Seu Erudito Orientador Filológico” (dados biobibliográficos), in *Revista de Cultura*, fasc. 155-156, nov.-dez. 1919, p. 33-39.

No que diz respeito a Matoso Câmara, assim relataria Sousa da Silveira as circunstâncias e as decorrências principais dessa aproximação:

Comecei a conhecer de perto e admirar o professor Joaquim Matoso Câmara Júnior no ano letivo de 1937, da Universidade do Distrito Federal. O ilustre romanista Georges Millardet dava então na Escola de Filosofia e Letras daquela Universidade um curso de Filologia Românica, que o Dr. Matoso Câmara acompanhava como ouvinte inscrito, e eu como simples curioso que aproveitava a oportunidade de assistir às lições do grande mestre francês.

Nesse ano de 1937, a UDF, já com conceito firmado pela excelência das atividades culturais e científicas nela desenvolvidas, teve no entanto de enfrentar graves crises decorrentes da demissão do Secretário de Educação Anísio Teixeira (no final de 1935), da prisão do Prefeito Pedro Ernesto (em abril de 1936), e do afastamento do Reitor Afrânio Peixoto. O Prefeito fora injustamente acusado de envolvimento na malograda tentativa do Partido Comunista liderado por Luís Carlos Prestes de tomar o poder pelas armas, em novembro de 1935.

Um novo Reitor, o escritor e homem público Afonso Pena Júnior, teve a árdua incumbência de solucionar os principais problemas da instituição. No curso de Letras, problema sério a ser enfrentado era o do afastamento dos professores José Oiticica (Linguística Geral) e Cecília Meireles (Teoria Literária), por motivos que desconheço.

Sousa da Silveira continuava com as suas aulas de Língua Portuguesa, mas tinha sobre os ombros a atribuição que lhe deram de responsável pela solução da vacância da cadeira de Linguística Geral. Tendo plena consciência da importância dessa matéria para a boa formação do profissional de Letras, pois afinal já lhe era familiar o *Cours de Linguistique Générale* de Ferdinand de Saussure, sabia por outro lado das suas limitações e impossibilidades de enveredar pelo campo da Teoria da Linguagem, cujos grandes progressos eram praticamente ignorados no Brasil.

Dele e do seu colega Ernesto Faria, catedrático de Língua e Literatura Latina, partiu então a recomendação ao Reitor do nome de Joaquim Matoso Câmara Júnior para ministrar como professor adjunto as aulas de Linguística Geral na turma de Letras do ano de 1938, aquele que seria o último de funcionamento da Universidade.

O dever funcional, que Sousa da Silveira sempre cumpriu com exemplar devoção, o fez presente em sala de aula, com papel e lápis na mão, durante as aulas de Matoso Câmara, que acompanhou com verdadeiro interesse. Eram aulas para uma turma de poucos alunos, entre os quais Maria Amélia de Pontes

Vieira Alcofra, Aída Batista do Val, Ivete Braga da Costa Pinto, Clemildo de Lira Arruda e alguns outros⁷.

Pelo relato de Maria Amélia Alcofra, sabe-se que o professor de Linguística Geral se mostrou muito tenso e rigoroso, como quem sentisse a imensa responsabilidade de trazer algo de novo ao ensino de Letras, mas conquistou desde logo o apreço da turma pela segurança demonstrada na exposição de matéria teórica de tão alto nível.

Sousa da Silveira explica com as seguintes palavras o que testemunhou:

Depois do ano de 37 sofreu a Universidade do Distrito Federal profunda reforma. Estando esta em vigor, foi o Dr. Matoso Câmara convidado para fazer parte do corpo docente da Universidade. Coube-lhe dar, nesse ano, que era o de 38, o curso de Linguística da Faculdade de Filosofia e Letras.

Em desempenho de funções que eu então exercia na Universidade, tive de assistir a aulas do professor Matoso Câmara. E pelo que observei – erudição comedida, clareza e segurança na exposição, método no desenvolver e encadear a matéria – recebi a agradável impressão de que fora acertada e feliz a escolha que recaíra no nome do Dr. Matoso Câmara. A Universidade do Distrito Federal tinha adquirido um ótimo professor.⁸

Na UDF do ano de 1938, a atuação paralela de Sousa da Silveira e Matoso Câmara imprimiu aos estudos e pesquisas das disciplinas sob a sua orientação o nível desejado para o verdadeiro ensino universitário de Letras. Eram dois professores não preocupados exclusivamente com a boa formação profissional, mas em conduzir os alunos a reflexões e práticas e a uma visão nova necessária à formação de pesquisadores capazes de enfrentar os desafios do mundo científico em permanente evolução. Nesse sentido, são muito expressivos os depoimentos dos ex-alunos da UDF sobre as aulas que deles receberam, como marcas para o resto da vida.

Portanto, naqueles gloriosos e efêmeros quatro anos de existência da UDF, extinta que foi por decreto do governo federal em 1939, ficou-se a dever ao setor de Letras, na verdade, a implantação dos fundamentos do ensino científico de Linguística Geral, de Filologia Portuguesa e de Crítica Textual no Brasil, como tem sido reconhecido pelos que se detêm no levantamento e análise dos dados históricos a esse respeito.

⁷ As três primeiras foram depois de formadas professoras de Língua e Literatura Latina na Faculdade Nacional de Filosofia, trabalhando sob a direção do Professor Ernesto Faria.

⁸ Matoso Câmara Jr., *Princípios de Linguística Geral Como Fundamento Para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Briguiet, 1941, p. 5.

4. Nos primeiros anos da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF)

Já se disse que a Universidade do Distrito Federal, apesar do início promissor e do empenho de tantos administradores e de tantos professores, teve os seus alicerces abalados com e a demissão do seu idealizador, o educador Anísio Teixeira, e a prisão do seu criador, o Prefeito Pedro Ernesto, em decorrência de uma rede de intrigas que se armou e do suposto envolvimento do Prefeito na tentativa das lideranças do movimento comunista de se assenhorear do poder federal na chamada “intentona” de novembro de 1935.

No ano de 1937, com o golpe desfechado pelo Presidente da República no dia 10 de novembro, criando a ditadura do chamado Estado Novo, foram confirmados nos cargos que ocupavam os mesmos ministros, com exceção de um só. Permaneceu no cargo de Ministro da Educação e Saúde o político mineiro Gustavo Capanema, cuja atuação anterior se caracterizara por iniciativas de inegável alcance cultural, consagradas por medidas legislativas, para a elaboração das quais contara com a colaboração de eminentes nomes da intelectualidade brasileira. Uma dessas medidas era a que criava em 1937 a Universidade do Brasil, com sede na capital da República, tendo como uma das suas unidades de ensino e pesquisa mais importantes a Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras.

Essa Faculdade, no entanto, só entraria em funcionamento em maio de 1939. Antes disso, um decreto-lei extinguiu a Universidade do Distrito Federal, assegurando aos alunos matriculados na UDF a transferência para a nova Faculdade.

Muitos dos professores da UDF foram chamados a ocupar idênticos cargos na Faculdade Nacional de Filosofia. Na organização do Curso de Letras, porém, por motivos inexplicados, não estavam incluídas entre as matérias curriculares as de Linguística Geral e Teoria da Literatura. Era um deplorável retrocesso, que teria ainda mais tristes conseqüências se não se fizessem sentir as reações dos inconformados.

Um deles foi o Professor Sousa da Silveira. O filólogo das *Lições de Português* tinha plena consciência, pela leitura dos ensinamentos de Saussure e de outros Mestres e pelas lições de Matoso na UDF, que tais ensinamentos, segundo as suas próprias palavras, “não deviam limitar-se ao campo restrito da Universidade e sim estender-se também fora dela, em benefício de tantos estudiosos de idiomas, professores ou alunos, que de certo gostariam de dar um pouco de sistematização aos seus conhecimentos e abarcar, do alto e numa síntese salutar, o mecanismo geral da linguagem articulada”⁹.

⁹ Ibid., p. 5-6.

Nessa linha de pensamento, consultor que era do diretor da prestigiosa *Revista de Cultura*, Padre Tomás Fontes, que acolhia com a maior confiança as suas recomendações, Sousa da Silveira conseguiu abrir as páginas do periódico para a publicação das lições pioneiras de Matoso Câmara, o que se deu em fascículos dos anos de 1939 e 1940.¹⁰

Não lhe foi fácil vencer as resistências do Padre Fontes, espírito conservador, avesso a novidades ainda não consagradas, avesso a polêmicas, e que, para resistir ao assédio de filólogos desejosos de publicar os seus trabalhos na revista, estabelecera o estranho critério de só admitir colaboradores já com livro publicado ou com mais de 40 anos de idade. Como se sabe, Matoso tinha então 35 anos.

A publicação das lições sob a forma de artigos sucessivos da *Revista de Cultura* teve repercussão quase imediata. Em 1941, foram elas reunidas no livro editado pela Livraria Briguiet que recebeu o título de *Princípios de Lingüística Geral (Como Fundamento dos Estudos Superiores da Língua Portuguesa)*. Era uma reedição com muitas modificações e acréscimos. Trazia um consagrador prefácio, de autoria de Sousa da Silveira, que acrescentou mais o seguinte protesto ao que já dissera sobre a ausência lamentável da disciplina de Lingüística no currículo de Letras da FNF:

Enquanto, porém, não se remedeia [essa ausência] as *Lições de Lingüística* do Professor Matoso Câmara Jr., publicadas primeiro na *Revista de Cultura* e agora, depois de melhoradas e ampliadas com um estudo dos fonemas e da evolução lingüística, reunidas em volume, serão lidas e aproveitadas, e o livro em que elas se contêm ficará constituindo não só uma espécie de cátedra pública em que o douto especialista continua a lecionar, suprimindo assim a lacuna universitária, mas também uma advertência às altas autoridades administrativas do ensino, da conveniência de se incluir entre as disciplinas dos cursos da Faculdade Nacional de Filosofia a cadeira de Lingüística.¹¹

Estas palavras são o testemunho da solidariedade de Sousa da Silveira ao colega Matoso Câmara (vinte e um anos mais moço), a quem ele desejava que tivesse sob os seus cuidados não uma simples disciplina auxiliar, mas a “cadeira” ou “cátedra” destinada às matérias principais. Foram suas palavras acima de tudo a grande voz a reconhecer e a proclamar a relevância dos estudos de Lingüística Geral como um valor em si e ao mesmo tempo “como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa”, conforme se lê na extensão do título da obra.

¹⁰ *Revista de Cultura*, fasc. 146 a 156 do ano de 1939, e 157 a 163 do ano de 1940.

¹¹ Joaquim Matoso Câmara Júnior, *Princípios de Lingüística Geral Como Fundamento Para os Estudos Superiores de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1941, p. 6-7.

A partir daí cumpriu esse livro o destino de propagador do significado da Lingüística Geral na formação do profissional de Letras. No Brasil, em Portugal e em alguns grandes centros de estudos da Teoria da Linguagem a obra alcançou a merecida acolhida, e o autor se impôs à consideração especial dos que se dedicavam a tais estudos.

Porém, por um período de cerca de 10 anos – de 1939 a 1948 – Matoso Câmara deixou de lecionar em cursos regulares de Lingüística Geral no ensino universitário, ainda que tivesse grande repercussão a sua atividade de divulgador dos ensinamentos da Lingüística moderna e do que havia de melhor na bibliografia especializada, que ele manteve sempre bastante em dia.

Muito contribuiu para a atualização dos seus conhecimentos a viagem de cerca de seis meses, entre os anos de 1943 e 1944, que, certamente com sacrifícios pessoais, pôde fazer aos Estados Unidos, no afã de aprimorar-se em contato com grandes figuras da etnologia e da lingüística norte-americana.

Uma das provas do seu inegável prestígio entre os colegas de magistério que atuavam no campo da Filologia Portuguesa está no fato de, em 1944, ter sido o seu nome logo lembrado para fazer parte da Academia Brasileira de Filologia, no quadro de fundadores da instituição, de que seria aclamado Presidente na sessão inaugural o Professor Sousa da Silveira, invariavelmente a seu lado em momentos especiais de sua vida profissional. Dos assuntos das suas pesquisas mais avançadas tratava pelas páginas de revistas especializadas a que não apenas deu a sua colaboração, como a *Revista de Cultura*, mas de cuja direção participou, como o *Boletim de Filologia* e a *Revista Brasileira de Filologia* ao lado de outras grandes figuras, como Serafim da Silva Neto.

5. Lingüística Geral no currículo de Letras da FNF

A Faculdade Nacional de Filosofia, embora tivesse iniciado em maio de 1939 as suas aulas em condições bastante precárias, viria logo a alcançar projeção com o funcionamento dos diferentes cursos – História e Geografia, Letras, Matemática, Física, Química, História Natural, Pedagogia, Ciências Sociais – em que atuavam destacadas figuras do magistério brasileiro e alguns professores convidados estrangeiros. Segundo a expressão de um deles, o humanista francês Fortunat Strowski, catedrático de Literatura Francesa da Sorbonne, exilado no Brasil para fugir das perseguições aos judeus na Europa, ver aquele início era como assistir à “naissance d’un monde”.

Ingressei nessa Faculdade como aluno em 1943-44, mas só com o passar do tempo, observando a plêiade de figuras do magistério e da vida cultural brasileira que compunha o seu corpo docente e administrativo¹², e em contato

¹² Naqueles anos, era Diretor da Faculdade o Professor Santiago Dantas, Vice-Diretor Djalma Hasselmann, e faziam parte do corpo docente de outros cursos Antônio Carneiro Leão,

direto com os professores do Curso de Letras, e alargando os meus horizontes com a leitura de jornais, revistas e livros da época, fui-me apercebendo de que com a Universidade abriam-se perspectivas de progresso científico e pedagógico para o país até então insuspeitadas.¹³

Entre os professores que fui conhecendo aos poucos, de 1943 a 1947, eram figuras de maior expressão ou mais conhecidas os professores catedráticos Sousa da Silveira, Alceu Amoroso Lima, Padre Augusto Magne, Thiers Martins Moreira, Padberg Drenkpol, Frei Damião Berge, Ernesto Faria, Madeleine Manuel, José Carlos Lisboa, Manuel Bandeira, Melissa Hull, o professor visitante Fortunat Strowski. No grupo dos professores assistentes estavam Gládstone Chaves de Melo, Cleonice Seroa da Mota (mais tarde Berardinelli), Inês Maria e Maria Amélia de Pontes Vieira, Amália Beatriz da Cruz Costa, Roberto Alvim Correia, Jorge de Lima, Aíla Gomes, Matilde Matarazzo Gargiulo e outros.

A organização curricular do Curso de Letras incluía três modalidades de currículos – Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas. Por outro lado, como já foi dito, a Faculdade não incluía nos currículos de Letras as disciplinas de Linguística Geral e de Teoria da Literatura, a despeito de ter sido compreendida a importância das mesmas na formação dos profissionais de Letras graças ao exemplo pioneiro da Universidade do Distrito Federal.

Durante os dez anos iniciais da FNF, Matoso Câmara, com a Linguística Geral ausente na organização curricular, teve a seu cargo na Faculdade alguns cursos de extensão universitária.

Uma coisa que se deve assinalar é que, projetando-se como a grande figura no campo da Teoria da Linguagem, aceitava Matoso Câmara sem objeção o seu enquadramento no grupo dos chamados “filólogos”, consciente como estava de que a palavra se usava no sentido amplo com que a definiu Leite de Vasconcelos, autor por cuja imensa obra de etnólogo e filólogo tinha profundo apreço. E Matoso era de fato, além de o grande vulto no campo da Linguística Geral, um *filólogo*, tanto no sentido amplo de Leite de Vasconcelos, como no de pessoa versada em estudos de Crítica Textual, que sabia valorizar, como se

Lourenço Filho, Luís Alves de Matos, Djacir Meneses, o historiador Hélio Viana, o geógrafo Delgado de Carvalho, o físico Costa Ribeiro, o químico João Cristóvão Cardoso e outras grandes figuras.

¹³ Quando no ano de 1943 ingressei no Curso de Letras Neolatinas da Faculdade Nacional de Filosofia, com apenas 16 para 17 anos de idade, não podia ainda avaliar devidamente o que representava a Faculdade. Tive a honra de ser aluno do Fortunat Strowski nos anos de 1945 e 1946, e dele obtive o depoimento com o título “La Naissance d’un Monde” que publiquei na revista *FNF*, órgão do Diretório Acadêmico da Faculdade, de que eu era o organizador.

vê pelas referências de seus escritos e por algumas das suas mais importantes resenhas e notas sobre edições críticas em várias ocasiões.

Por motivos que desconheço, no ano de 1948 a disciplina de Linguística Geral foi afinal incluída no Curso de Letras, mas apenas para os alunos de Letras Clássicas. Duas dúvidas gostaria eu de elucidar: quem tomou sob o seu patrocínio a reinclusão da matéria entre as obrigatórias? por que a princípio só os alunos de Letras Clássicas a tiveram em seu currículo?

A Faculdade Nacional de Filosofia atravessava então a fase áurea da sua existência. Um dos seus catedráticos, o de Literatura Portuguesa, Thiers Martins Moreira, promovia espetáculos de teatro, com a participação de alunos e professores, como as de autos de Gil Vicente com o texto rigorosamente estabelecido por Sousa da Silveira; e lançara e dirigia a coleção “Textos Antigos e Modernos” de caráter filológico e literário.

Em 1949, em outros acontecimentos no setor de Letras da Faculdade ainda se envolveu Sousa da Silveira, como por exemplo a realização das provas de habilitação à Livre-Docência em Língua Portuguesa a que se submeteu seu assistente Glástone Chaves de Melo, com a tese *Alencar e a “Língua Brasileira”* (1949)¹⁴.

Foi também nesse mesmo ano que Matoso Câmara lá pôde fazer as provas exigidas para a obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas, a que concorreu com a apresentação da tese *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, defendida com brilho invulgar perante a banca examinadora que teve em sua presidência o Professor Sousa da Silveira.¹⁵

6. As relações entre o lingüista e o filólogo

Nas páginas acima, ficou patente que Sousa da Silveira, dos anos de convívio com Matoso Câmara na UDF (1937-1938) aos da Faculdade Nacional de Filosofia (de 1939 até a sua aposentadoria no serviço público, em 1952), deu sempre demonstrações de real estima e apreço ao lingüista, e muito mais, foi a voz mais eloqüente no reconhecimento da posição de destaque que cabe à Linguística Geral na organização dos cursos superiores de Letras.

A respeito do que significou a atuação do filólogo em favor do lingüista que se projetava com a aplicação dos princípios da Teoria da Linguagem aos

¹⁴ O Instituto Nacional do Livro publicou em 1950 uma edição crítica do romance *Iracema (Lenda do Ceará)*, de José de Alencar preparada por Glástone Chaves de Melo, que trás apêndice a tese *Alencar e a “Língua Brasileira”*, com correções e acréscimos ao texto original.

¹⁵ A tese só foi publicada como livro em 1953.

estudos da língua portuguesa, o próprio Matoso Câmara haveria de dizer no trecho seguinte da carta que lhe enviou a 16 de junho de 1952:

Nunca esquecerei a sua argüição objetiva, serena e percuciente na Banca Examinadora da minha tese para o Doutorado em Letras Clássicas e o senso crítico com que apreciou a nova doutrina fonêmica e a minha tentativa para aplicá-la ao português do Brasil. Acresce que eu gostaria de vê-lo sempre entrosado no progresso da minha carreira de professor universitário, a qual se iniciou no momento em que o Sr. e o Ernesto Faria me indicaram para professor adjunto de Linguística na antiga Universidade do Distrito Federal em 1937.¹⁶

Percebe-se bem que, estudioso de longa data da língua portuguesa e professor da matéria com larga experiência no ensino secundário, Matoso Câmara, ao se aproximar de Sousa da Silveira na UDF, incorporou-se ao grupo de professores que tinham nos ensinamentos do filólogo um ponto de referência obrigatório, vendo nele as raras qualidades que o distinguiam e lhe davam lugar de relevo e liderança especial, pelas posições seguras e inovadoras assumidas desde o início do seu magistério em 1917.

Matoso Câmara foi um leitor constante das obras do filólogo, um admirador da excelência das suas lições, e nelas inclusive terá compreendido o alcance do trabalho filológico da restituição dos textos à sua forma mais próxima do original, e o valor das edições críticas e comentadas. Em várias ocasiões se referiu às posições de vanguarda de Sousa da Silveira no estudo e ensino da língua e no campo da Crítica Textual.

No artigo sobre “Filologia” que escreveu para o *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, dirigido por Rubens Borba de Moraes e William Berrien¹⁷, em que faz o registro de dez trabalhos do filólogo, ressalta em tópico à parte que no “Programa de Português Para o Ensino Secundário” por ele preparado para a reforma promovida pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema em 1942 havia traços muito singulares, como o seguinte: “Orienta os professores de português sobre a conveniente atitude didática de respeitar a língua coloquial no âmbito que lhe é próprio”.

Em parecer datado de 24 de outubro de 1949 sobre a tese de Sousa da Silveira *Fonética Sintática e Sua Utilização na Explicação de Expressões Feitas e na Interpretação dos Textos*, que seria publicada como livro em 1952, afirmou Matoso Câmara:

¹⁶ A carta de Matoso Câmara figura entre os documentos que se conservaram em poder dos herdeiros de Sousa da Silveira.

¹⁷ Rio de Janeiro, Gráfica Editora Sousa, 1949, p. 257-284.

Como era de esperar do grande nome que o firma, o trabalho do professor Sousa da Silveira é lúcido e seguro na doutrina e claro e metódico na exposição, sobre ser altamente original em certos pontos de interpretação de textos literários e de fraseologia popular.

Ressalta das conclusões do parecer a de que esse trabalho “vale ainda como um exemplo de boa filologia, larga e compreensiva, que deve nortear os nossos estudos, em vez do mesquinho critério de correção por bitola estreita, que tanto nos tem prejudicado”¹⁸

No artigo intitulado “Os Estudos de Português no Brasil”, em que Matoso Câmara apresenta uma impressionante visão geral dos trabalhos de lingüística e filologia portuguesa realizados até então, publicado em 1969 na revista *Letras* da Universidade do Paraná, um ano antes da sua morte¹⁹, encontram-se diversas referências à contribuição de Sousa da Silveira que merecem atenta leitura em nossos dias:

a) No tópico em que trata das atividades de Crítica Textual, Matoso exprime com as seguintes palavras o altíssimo conceito em que tinha o filólogo:

... no campo da pesquisa filológica quem mais se salientou foi Sousa da Silveira. São importantes as suas edições críticas da elegia camoniana *Sôbolos rios...* e da égloga *Crisfal*. () É uma faceta relevante da sua atividade intelectual, que se prolongou até o período presente, onde assumiu aspectos novos (p. 239).

Quanto a esses aspectos novos, diz mais adiante:

Do ponto de vista especificamente brasileiro, entretanto, têm maior significação a aplicação da boa técnica filológica aos textos da literatura brasileira, cujas edições no passado vimos muito deixarem a desejar. Aí se destacou Sousa da Silveira, em continuação de uma atividade em que já se tinha salientado antes. A sua edição crítica das obras de Casimiro de Abreu vale como um modelo nesse particular (p. 247).

b) No tópico “Teoria Gramatical”, o autor das *Lições de Português* é apontado como um daqueles cuja ação se fez sentir “através da minimização da análise [sintática] e da ênfase dada a outros setores do estudo lingüístico, como a redação e a leitura comentada” e como o “que levou a grande minúcia o estudo ordenado do vocabulário” (p. 236).

¹⁸ In: *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula*, III, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1959, p. 417-418.

¹⁹ O artigo de Matoso Câmara está transcrito na íntegra na nova edição revista e ampliada dos *Dispensos* preparada por Carlos Eduardo Falcão Uchôa (Rio de Janeiro, Lucerna, 2004).

c) No mesmo tópico, tratando da chamada “gramática histórica”, diz Matoso Câmara:

Sousa da Silveira destacou-se nesse âmbito por um espírito de rigor neogramático, que não se encontrava nas obras dos seus antecessores Com ele e com Antenor Nascentes a gramática histórica, reduzida embora a uma divulgação na escola secundária, adquiriu precisão de método e doutrina nas diretrizes neogramáticas, que também eram, no quadro mais amplo do ensino universitário e na pesquisa direta, as da obra de Leite de Vasconcelos em Portugal (p. 236).

d) No tópico “Norma da Língua Literária”, referindo-se à situação presente, Matoso Câmara alude à “responsabilidade de Sousa da Silveira” na elaboração” das diretrizes para o ensino da língua da reforma Capanema (1942):

O ideal classicista caiu afinal no vazio, sem repercussão apreciável. Já se nota igualmente uma melhor compreensão da legitimidade, em sua esfera própria, da língua coloquial em face da literária. O problema é posto claramente nas ‘Instruções’ de 1942 para a execução do Programa de Português para o ensino secundário (p. 243).²⁰



Por todas as razões expostas, entendi que na comemoração do centenário de Matoso Câmara deveriam ser lembrados todos esses aspectos das relações que uniram Sousa da Silveira e Matoso Câmara, na Universidade do Distrito Federal e na Faculdade Nacional de Filosofia, ambos empenhados em valorizar e dar grande impulso à Filologia e à Linguística Geral, trabalhando em perfeita sintonia, alheios às falsas rivalidades e depreciações preconceituosas que tanto prejudicam a ação conjunta de profissionais de uma mesma área, como infelizmente ainda acontece em setores da vida universitária atual.

Para finalizar, convém dizer, em relação ao artigo “Os Estudos de Português no Brasil”, que é acima de tudo um espelho da extensão e profundidade dos conhecimentos e da probidade intelectual de Matoso Câmara, e do respeito e reconhecimento com que sabia referir-se aos trabalhos realizados. Por isso, esse artigo e vários outros reunidos na edição dos *Dispensos*, deveriam ser objeto de leitura atenta e minuciosa dos alunos dos nossos cursos superiores de Letras, para que tenham em sua justa medida a imagem de Matoso Câmara, figura humana admirável, que deixou inesquecível exemplo de como os conhecimentos científicos podem e devem também ser postos a serviço da formação integral do ser humano.

²⁰ Cf. Maximiano de Carvalho e Silva, *Sousa da Silveira / ● Homem e a ● bra / Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil*, Rio de Janeiro, Presença, 1983, p.